



DO CAUSO AO PAPEL: RETEXTUALIZAÇÃO E LETRAMENTO COM IDOSOS SOB AS LENTES DE KOCH, FREIRE E SOARES

Daniele Belo Júnior Moura¹

¹Letras- Português E Inglês – Centro Universitário Faveni- UNIFAVENI

belodaniele3@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0398191771900025>

AT01: Educação Inclusiva e Políticas Públicas

RESUMO: Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre o processo de retextualização realizado com um grupo de idosos em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). A iniciativa partiu da necessidade de integrar esse público à cultura escrita, valorizando suas trajetórias de vida e combatendo o silenciamento imposto pela baixa escolarização formal. O objetivo principal foi analisar como a transformação de relatos orais em gêneros escritos contribui para o fortalecimento do letramento e da autoria na terceira idade. A metodologia, de natureza qualitativa e baseada na pesquisa-ação, envolveu a realização de círculos de cultura, gravações de áudio das memórias dos participantes e oficinas de mediação escrita. Os resultados indicam que a retextualização, ao realizar operações de ajuste entre a fala e a escrita, funciona como uma ferramenta pedagógica capaz de ampliar a consciência linguística e elevar a autoestima dos idosos, que passam a se reconhecer como produtores de cultura. Observou-se que a mediação sensível permite a transição para a modalidade escrita sem apagar a identidade e a "voz" do narrador. Conclui-se que práticas de letramento pautadas na valorização da memória e no diálogo são fundamentais para a inclusão social e para a garantia do direito à aprendizagem ao longo de toda a vida, reafirmando o papel da linguagem como instrumento de empoderamento e preservação do patrimônio imaterial humano.

Palavras-chave: Idosos; Letramento; Memória; Oralidade; Retextualização.

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre a linguagem na contemporaneidade, especialmente quando voltada para a terceira idade, exige um deslocamento do olhar meramente funcional para uma perspectiva de afirmação de identidade e prática de liberdade. No cenário atual, o envelhecimento é frequentemente atravessado por processos de invisibilidade social e pelo progressivo afastamento das práticas de escrita, o que gera o silenciamento de memórias valiosas. Diante desse quadro, o papel da Linguística Aplicada e da educação se torna fundamental para a mediação cultural e a garantia de direitos fundamentais.

O presente trabalho detalha uma experiência vivenciada no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da cidade de Baixo-CE. Trata-se de um espaço onde a oralidade se

apresentava como o principal refúgio das histórias de vida dos idosos, mas a escrita ainda era percebida como um território estrangeiro, intimidante e excludente. A iniciativa partiu da necessidade premente de integrar esse público à cultura escrita, valorizando suas trajetórias de vida e combatendo o estigma da baixa escolarização.

A justificativa para este estudo repousa na premissa de que o aprendizado é um processo permanente que não se encerra em faixas etárias específicas. Ao propor uma metodologia que une a memória à técnica linguística, busca-se não apenas o ensino da escrita, mas a inclusão social e o reconhecimento do idoso como produtor de cultura e detentor de um patrimônio imaterial que urge ser preservado.

O objetivo principal, portanto, foi analisar como o processo de retextualização de relatos orais contribui para o fortalecimento do letramento e da autoria em idosos atendidos por programas sociais.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, fundamentado nos princípios da pesquisa-ação. Esta abordagem pressupõe que os pesquisadores não são observadores neutros, mas participantes ativos no contexto social, buscando a transformação da realidade estudada.

O locus da pesquisa foi um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) situado em uma zona de periferia urbana, atendendo um grupo de quarenta idosos, homens e mulheres. O perfil dos participantes era heterogêneo em termos de escolaridade, abrangendo desde indivíduos não alfabetizados até aqueles com o ensino fundamental incompleto, o que demandou estratégias de mediação altamente flexíveis.

O procedimento metodológico foi estruturado em quatro etapas distintas:

1. **Círculos de Cultura:** Baseados no diálogo freiriano, foram utilizados "temas geradores" como infância, primeiro emprego e festas populares. Estes encontros visavam estimular a fluidez da oralidade e identificar as memórias mais latentes do grupo.
2. **Registro de Memórias:** Os relatos mais significativos foram gravados em áudio. Essa etapa foi crucial para garantir que as marcas dialetais, as pausas dramáticas e a carga emocional da fala fossem preservadas sem a pressão inibidora da folha de papel.

3. **Oficinas de Retextualização:** Nesta fase, os pesquisadores atuaram como mediadores e escribas. Utilizando notebooks, os textos foram construídos coletivamente diante dos idosos, que opinavam sobre a organização das ideias e a escolha das palavras.
4. **Revisão Coletiva e Autoria:** A última etapa envolveu a leitura compartilhada, onde os idosos identificavam se a "voz" escrita realmente traduzia sua intenção original. Foram explorados gêneros como a carta e a narrativa memorialista, permitindo que os participantes se vissem como autores de suas histórias.

Os dados foram coletados por meio da observação participante e registros em diário de campo, permitindo uma análise densa do processo de transformação subjetiva dos participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados desta pesquisa revelam que o processo de retextualização funcionou como um mecanismo de superação do "medo da folha em branco". Para idosos que passaram décadas à margem da cultura escrita, a página em branco não representava apenas falta de habilidade técnica, mas um símbolo de exclusão histórica. A mediação transformou essa insegurança em um sentimento de autoria.

Durante as oficinas, aplicaram-se as operações linguísticas propostas por Koch. O "apagamento" foi utilizado para remover hesitações e marcadores conversacionais típicos da fala, como "né", "aí" e "então", que são funcionais na interação oral mas desnecessários no registro escrito. Simultaneamente, a "reordenação" permitiu que a estrutura narrativa ganhasse a coesão necessária para que o leitor pudesse compreender a história sem a presença física do narrador.

Um ponto de discussão relevante foi a percepção de que essas escolhas são eminentemente cognitivas. Ao decidir, junto com o mediador, qual expressão melhor substituíria um gesto ou uma entonação, o idoso exercitava uma consciência linguística profunda. O uso de conectivos, por exemplo, passou a substituir a variação de tom de voz para indicar causas, consequências ou oposição, tornando o texto autossuficiente.

Observou-se que a mediação não teve um caráter corretivo-punitivo, mas instrumentalizador. A "voz" do narrador não foi apagada; pelo contrário, a transição para a modalidade escrita permitiu que sua identidade original fosse fixada e valorizada. Esse processo resultou em um aumento significativo na autoestima dos participantes, que passaram a se reconhecer não como "alunos atrasados", mas como produtores ativos de cultura e detentores de um saber que a escrita agora ajudava a salvaguardar.



A integração entre a oralidade e a escrita confirmou a tese de Soares sobre o letramento como prática social: os idosos não estavam apenas aprendendo a redigir, mas estavam se inserindo em um mundo de significados do qual se sentiam excluídos.

4. CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste projeto revelou-se uma oportunidade extremamente gratificante, tanto do ponto de vista profissional para a formação docente, quanto do ponto de vista humano, ao observar a transformação na postura dos participantes diante da linguagem. A experiência confirmou que a retextualização não é apenas uma técnica linguística, mas uma estratégia poderosa de inclusão social que responde ao desafio de integrar o idoso à cultura escrita de forma digna e respeitosa.

Ao valorizar a memória e combater o silenciamento social imposto pela idade e pela baixa escolaridade formal, o estudo demonstra que o letramento na velhice é um direito e um ato de cidadania. Conclui-se que o aprendizado é um processo permanente, que não se encerra em faixas etárias específicas, e que a escrita, quando mediada como uma reconstrução de sentidos, torna-se um instrumento de empoderamento e resistência.

O estudo contribui para o campo da educação e da linguística aplicada ao reafirmar a importância de práticas pedagógicas que rompam com o ensino mecânico. Ficou evidente a necessidade de expandir projetos dessa natureza, que unam a universidade e os espaços de assistência social, permitindo que os pressupostos teóricos e a sensibilidade pedagógica se convertam em ferramentas reais de preservação do patrimônio imaterial humano e de fortalecimento dos vínculos comunitários.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- KOCH, I. V. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2015.
- SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.